

dinheiro

uma história da humanidade

david mcwilliams

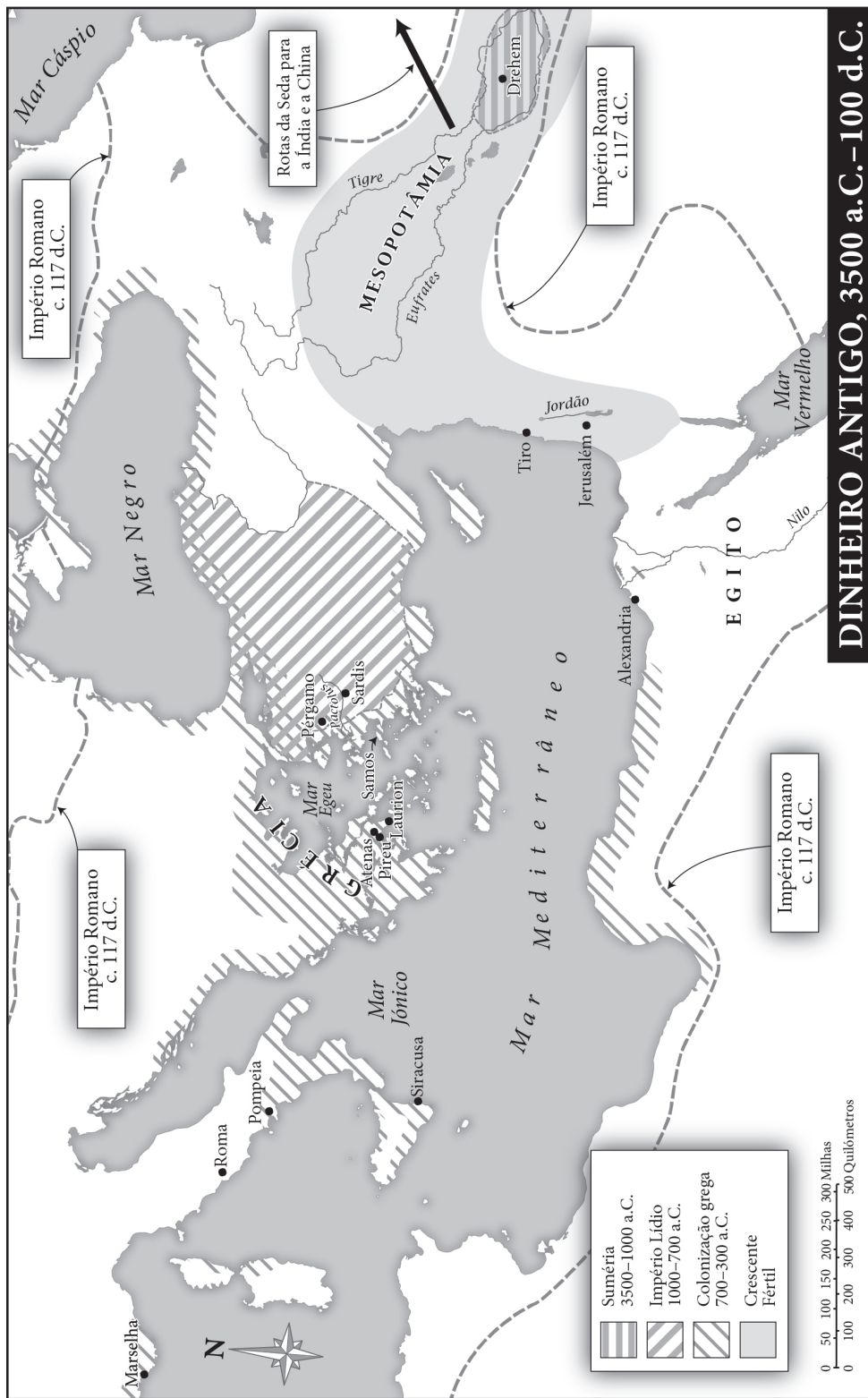
Tradução de Jorge Colaço

Para a Sian, por tudo

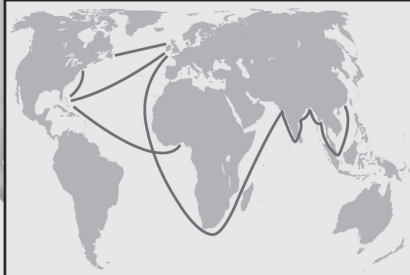
ÍNDICE

Mapas	11
Prefácio de Michael Lewis	17
Introdução	19
 PRIMEIRA PARTE: DINHEIRO ANTIGO	 29
1 O Dinheiro no Início	31
2 Junto aos Rios da Babilónia	38
3 Dos Contratos às Moedas	46
4 O Dinheiro e a Mentalidade Grega	54
5 O Império do Crédito	64
 SEGUNDA PARTE: DINHEIRO MEDIEVAL	 81
6 O Crepúsculo da Economia Feudal	83
7 Magia Sarracena	94
8 Das Trevas para a Luz	107
9 O Impressor de Deus	124
 TERCEIRA PARTE: DINHEIRO REVOLUCIONÁRIO	 141
10 Dinheiro Invisível	143
11 O Pai da Economia Monetária	158
12 O Bispo do Dinheiro	170
13 O Dinheiro e a República Americana	183
 QUARTA PARTE: DINHEIRO MODERNO	 197
14 O Empirismo e a Economia Evolucionista	199
15 O Dinheiro em Tribunal	211

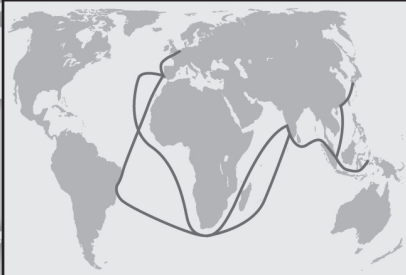
16 A Estrada de Tijolos Amarelos	225
17 Dinheiro Modernista	237
18 Em Direção ao Abismo	248
 QUINTA PARTE: DINHEIRO LIBERTADO	 265
19 Quem Controla o Dinheiro?	267
20 A Psicologia do Dinheiro	283
21 A Evolução do Dinheiro	295
 Agradecimentos	 309
Nota sobre Leituras Adicionais	313
Crédito das imagens	317
Notas	335



ROTAS COMERCIAIS BRITÂNICAS, SÉCULO XVIII



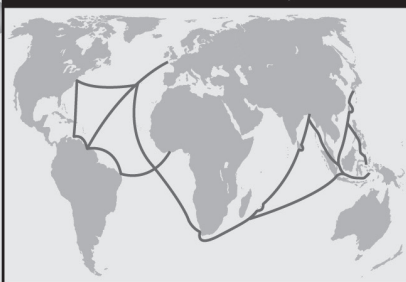
ROTAS COMERCIAIS PORTUGUESAS, SÉCULO XVIII



DINHEIRO MARÍTIMO, 1694-1804



ROTAS COMERCIAIS HOLANDESES, SÉCULO XVIII



ROTAS COMERCIAIS FRANCESAS, SÉCULO XVIII



• São Petersburgo

• Moscovo

• Suez

• Aden

• Bombaim

• Goa

CEILÃO

• Mombaça

• Zanzibar

MADAGÁSCAR

• Durban

• Calcutá

• Chuchura

• Amoy

• Cantão

• Macau

• Manila

• Nagasáqui

• FORMOSA

• Brunei

• Malaca

BORNEU

ÍNDIAS ORIENTAIS HOLANDESAS

JAVA

Oceano Pacífico

Oceano Índico

AUSTRÁLIA

TERRA DE
VAN DIEMEN
(Tasmânia)

NOVA ZELÂNDIA

Antártico

ROTAS COMERCIAIS ESPANHOLAS, SÉCULO XVIII



The map illustrates the geographical context of the Muslim conquests in 711 AD. It shows the Iberian Peninsula under the 'CALIFADO IBÉRICO' and the surrounding regions of Northwest Europe. Key locations marked include major cities like Danzig, Lubeca, Bremen, Amsterdão, Bruges, Londres, Canterbury, Paris, Estrasburgo, Trier, Worms, Frankfurt, Mainz (Mogúncia), Colonia, Gôslar, Wittenberg, Viena, Milão, Veneza, Gênova, Pisa, Florença, Roma, Palermo, Messina, Siracusa, Tripoli, Bejaia, Alicante, Guadaluquivir, Córdova, Granada, Cádiz, and Lisboa. Rivers shown include the Tamisa, Vístula, Oder, Danúbio, Reno, Loire, Rodano, Ebro, and Douro. The Mediterranean Sea is labeled 'M a r M e d i t e r'.

The map illustrates the geographical context of the Muslim conquests in 711 AD. It shows the Iberian Peninsula under the 'CALIFADO IBÉRICO' and the surrounding regions of Northwest Europe. Key locations marked include major cities like Danzig, Lubeca, Bremen, Amsterdão, Bruges, Londres, Canterbury, Paris, Estrasburgo, Trier, Worms, Frankfurt, Mainz (Mogúncia), Colonia, Gôslar, Wittenberg, Viena, Milão, Veneza, Gênova, Pisa, Florença, Roma, Palermo, Messina, Siracusa, Tripoli, Bejaia, Alicante, Guadaluquivir, Córdova, Granada, Cádiz, and Lisboa. Rivers shown include the Tamisa, Vístula, Oder, Danúbio, Reno, Loire, Rodano, Ebro, and Douro. The Mediterranean Sea is labeled 'M a r M e d i t e r'.

The map illustrates the geographical context of the Muslim conquests in 711 AD. It shows the Iberian Peninsula under the 'CALIFADO IBÉRICO' and the surrounding regions of Northwest Europe. Key locations marked include Danzig, Lubeca, Bremen, Amsterdão, Bruges, Londres, Canterbury, Paris, Estrasburgo, Trier, Worms, Frankfurt, Mainz (Mogúncia), Colonia, Gôslar, Wittenberg, Viena, Milão, Veneza, Gênova, Pisa, Florença, Roma, Palermo, Messina, Siracusa, Tripoli, Bejaia, Alicante, Guadaluquivir, Córdova, Granada, Cádiz, and Lisboa. Rivers shown include the Tamisa, Vístula, Oder, Danúbio, Reno, Loire, Rodano, Ebro, and Douro. The Mediterranean Sea is labeled 'M a r M e d i t e r'.

The map illustrates the geographical context of the Muslim conquests in 711 AD. It shows the Iberian Peninsula under the 'CALIFADO IBÉRICO' and the surrounding regions of Northwest Europe. Key locations marked include Danzig, Lubeca, Bremen, Amsterdão, Bruges, Londres, Canterbury, Paris, Estrasburgo, Trier, Worms, Frankfurt, Mainz (Mogúncia), Colonia, Gôslar, Wittenberg, Viena, Milão, Veneza, Gênova, Pisa, Florença, Roma, Palermo, Messina, Siracusa, Tripoli, Bejaia, Alicante, Guadaluquivir, Córdova, Granada, Cádiz, and Lisboa. Rivers shown include the Tamisa, Vístula, Oder, Danúbio, Reno, Loire, Rodano, Ebro, and Douro. The Mediterranean Sea is labeled 'M a r M e d i t e r'.



PREFÁCIO

Uma das coisas fascinantes deste livro é a forma como ele liga o dinheiro a acontecimentos históricos importantes que nunca imagináramos ter alguma coisa que ver com ele. Mesmo que soubéssemos que diversos imperadores romanos financiaram o seu estilo de vida através da desvalorização da moeda, é provável que nunca tivéssemos a percepção de até que ponto o colapso do Império Romano esteve ligado à depreciação monetária. E quem diria que Charles Darwin perdeu uma fortuna a especular com ações dos caminhos de ferro, e que a sua teoria da evolução surgiu em parte do seu interesse pela economia? David McWilliams não escreveu apenas uma história das inovações no dinheiro e nas finanças. Ele criou um novo e persuasivo argumento para a importância dessa história.

O essencial do seu argumento é este: sempre que o dinheiro — e a inovação financeira — está presente, ocorrem todos os tipos de coisas valiosas que não ocorrem quando o dinheiro — e a inovação financeira — está ausente. O comércio externo é um exemplo óbvio, mas há muitos outros menos perceptíveis. A história da inovação financeira mapeia bastante bem a história da arte, por exemplo — pelo menos como a história da arte é convencionalmente entendida. Todos os viajantes que já peregrinaram pelos santuários da civilização ocidental — a Grécia antiga, a Florença do Renascimento, a Holanda do século XVII — acabaram por percorrer, sem dar por isso, a história da inovação financeira. Todos os grandes desenvolvimentos artísticos foram desencadeados pela invenção de alguma versão do *credit default swap*.

Os esboços que McWilliams traça dos inovadores financeiros são aqui outra fonte de deleite. Parece existir alguma regra fixa segundo a qual os homens — e parece terem invariavelmente sido homens — que se envolvem na inovação financeira são precisamente aqueles que esperamos que a nossa filha nunca encontre. Johannes Gutenberg, o papa Pio II, John Law — a narrativa de McWilliams é uma prova de estafetas feita por aldrabões

que passam o testemunho a patifes que depois o entregam a vigaristas. A equipa do dinheiro tem um talento único para conquistar a confiança dos outros, para fazerem coisas novas com o dinheiro deles.

A confiança torna-se naturalmente um tema central ao longo destas páginas. As diversas invenções em matéria de dinheiro e finanças — moedas, balancetes, método das partidas dobradas, reservas monetárias, papel-moeda, bancos centrais, hipotecas e por aí fora — constituem, cada uma delas, a expressão de uma espécie de confiança que parece ter a capacidade de sobreviver independentemente de quão gravemente é violada. No mesmo momento em que os holandeses criaram a sua famosa «obsessão com as tulipas» (*tulip bubble*), inventaram também a obrigação perpétua — um empréstimo que nunca é pago. «Conseguem imaginar», pergunta McWilliams, «quanta confiança no dinheiro tem de existir numa sociedade para que as pessoas financiem um empréstimo que sabem que na realidade nunca irá ser pago e ainda assim considerarem isso uma forma de poupança prudente?» É como se todos tivéssemos tacitamente concordado em que a confiança financeira, ainda que vá ser frequentemente traída, é demasiadamente valiosa para a abandonarmos.

As criptomoedas são obviamente a última reviravolta nesta história. Nascidas da desconfiança dos governos e dos bancos, acabaram por replicar a mesma espécie de necessidade de confiança e por violar essa confiança de todas as formas costumeiras. McWilliams vê o que está a acontecer neste momento na história do dinheiro como uma guerra pelo direito de ser confiável. «Uma grande batalha nos anos vindouros», escreve ele, «vai ser entre o dinheiro privado emitido por entidades privadas e o dinheiro público emitido pelos órgãos do Estado em nome dos cidadãos.» Seja o que for que o futuro nos reserve, McWilliams é digno de confiança neste assunto. Alguém precisa de ser.

Michael Lewis, maio de 2024

INTRODUÇÃO

DINHEIRO A CAIR DO CÉU

Imagine-se dinheiro a cair do céu. Meteríamos uma nota de 10 no bolso antes de contar a alguém? Provavelmente, a maior parte de nós meteria ao bolso umas quantas notas antes de informar as autoridades.

Essa era a reação com que Hitler estava a contar quando planeou lançar milhões de libras sobre toda a Grã-Bretanha no auge da Segunda Guerra Mundial. Hitler compreendeu o que acontece quando o dinheiro perde valor. Viveu o período de hiperinflação da República de Weimar e tinha consciência de que o dinheiro é uma arma incomparável. O dinheiro pode desestabilizar um país, ponto de vista que partilhou com o seu inimigo ideológico Vladimir Lenine, que observou que a forma mais fácil de minar uma sociedade é «desvirtuar a sua moeda».

Numa entrevista ao *Daily Chronicle* de Londres, publicada em 23 de abril de 1919, Lenine teria dito que tinha um plano para aniquilar o poder do dinheiro a fim de destruir o que restava do velho Estado russo a seguir à Revolução de Outubro de 1917:

Centenas de milhares de notas de rublo estão a ser emitidas diariamente pelo nosso erário público... com a intenção deliberada de destruir o valor do dinheiro. A forma mais simples de exterminar o próprio espírito do capitalismo é, por conseguinte, inundar o país com notas de elevado valor facial sem garantias financeiras de qualquer espécie. A nota de 100 rublos já quase não tem valor na Rússia. Em breve, até o camponês mais simples entenderá que é apenas um pedaço de papel... e a grande ilusão do valor e do poder do dinheiro, na qual o Estado capitalista se baseia, terá sido destruída.¹

Hitler e Lenine podem ter sido ideologicamente opostos, mas ambos compreenderam o fenómeno do poder do dinheiro: enfraqueça-se o dinheiro e debilita-se a tessitura da sociedade. O plano para a Luftwaffe lançar milhões de notas de banco sobre a Grã-Bretanha era altamente secreto, apenas conhecido de uns quantos veteranos nazis. Embora alguns súbditos honestos do rei pudessem participar às autoridades, Hitler trabalhava na base de que a maior parte dos britânicos meteria umas quantas notas debaixo do colchão. Mobilizaria as pessoas que Napoleão celebrenmente descartou como uma «nação de lojistas» obcecados por dinheiro contra si próprias. Ao pôr em circulação aquele dinheiro falso em todo o país, a inflação destruiria o sistema, especialmente porque grande parte dos recursos económicos da Grã-Bretanha era orientada para o esforço de guerra. Apenas uma pequena porção de bens de consumo e bens essenciais era comercializada e, por conseguinte, os preços seriam voláteis. Nessas condições de privação, a cascata de dinheiro novo iria fazer o dinheiro britânico subir em flecha, desencadeando o pânico. Hitler esperava que os anteriormente calmos e obedientes britânicos tivessem o seu momento de experiência de incêndio no teatro. Iriam enlouquecer, e o caos que haveria de seguir-se abalaria o espírito do *blitz*, comprometendo o esforço de guerra.

Em julho de 1942, a nova arma de Hitler entrou em produção. Era a maior fraude que o mundo alguma vez vira. Foi enviado um telegrama aos comandantes dos campos de concentração pedindo tipógrafos, gravadores, artistas, coloristas, técnicos de composição, especialistas em papel e antigos bancários. A operação precisava também de matemáticos e de especialistas em código, que fossem capazes de decifrar a sequência de numeração da libra esterlina. Uma coorte desesperada de homens traumatizados e enfraquecidos arrastou-se para Sachsenhausen, vindos de campos de todo o Terceiro Reich. Estas 142 almas tinham a missão de enganar o Banco de Inglaterra.

Os falsificadores dos campos de concentração imprimiram 132.610.945 libras esterlinas falsas, o equivalente a cerca de 7,5 mil milhões de libras em dinheiro atual.² Lançar estas notas sobre a Grã-Bretanha exigiria esquadrões de bombardeiros alemães que estavam à disposição de Hitler quando o plano foi traçado, em maio de 1942, mas quando as notas falsas ficaram prontas, em 1943, a situação da guerra alterara-se.³ A Alemanha estava a perder no campo de batalha, os recursos da Luftwaffe foram estendidos à Rússia e o esforço de guerra não poderia dispensar os aviões para realizar o lançamento aéreo em massa.

Ao invés de Hitler, que não detinha o controlo do Banco de Inglaterra, Lenine foi capaz de ativar a casa da moeda russa para obter o caos que

pretendia. Ambos os homens tinham objetivos semelhantes: queriam, como Lenine disse, destruir «a grande ilusão do valor e do poder do dinheiro». Ambos os ditadores, dois demoníacos observadores da psicologia, compreendiam a fraqueza humana, a dinâmica das multidões e as profundezas a que as pessoas podem descer.

O dinheiro pode ser mais poderoso do que a religião, a ideologia ou os exércitos. Quando se mexe no dinheiro, mexe-se com muito mais do que o sistema de preços, a inflação e a economia — mexe-se com a cabeça das pessoas. A história da falsificação de Hitler ilustra o poder do dinheiro.

O ÂNGULO MORTO DOS ECONOMISTAS

A discussão global sobre o dinheiro foi sequestrada pela minha tribo. Como sumos sacerdotes de uma nova religião, nós, economistas, tomámos para nós a tarefa de explicar o dinheiro às pessoas. A minha carreira como economista monetário começou no Banco Central da Irlanda, no próprio tabernáculo onde o dinheiro é inventado do nada. Do mesmo modo que um padre católico transforma a hóstia no corpo de Cristo na Sagrada Comunhão, os banqueiros centrais pegam em papel sem valor e transformam-no em dinheiro. Como todos os milagres, este também é impressionante. Todos acreditamos nele, por isso deve ser real. Mas é real? De facto, o dinheiro é abstrato e só lhe é dado valor desde que o resto de nós (ou uma porção suficiente do resto de nós) acredite nisso. O dinheiro, como a fé, é um produto da imaginação humana.

Mudei-me do banco central para a banca de investimento, onde esse dinheiro inventado pelo banco central é incrementado para se transformar numa outra forma de dinheiro, uma promessa incendiária a que chamamos crédito. Entre eles, bancos centrais e bancos comerciais, corre o mundo do dinheiro, controlando quanto dinheiro sai de lá, quem o obtém e a que preço. Estas instituições são essenciais para a história mecânica do dinheiro e podem explicar como ele é bombeado na economia. Os economistas podem explicar-nos o que fazer se houver demasiado dinheiro ou excessivamente pouco. Mas compreender a canalização — como é que o dinheiro flui em redor do sistema económico — não capta a parte mais interessante da história. Um canalizador pode entender como é que a água flui através dos canos, mas pode não ser capaz de explicar por que razão a água é essencial para a vida. O aspeto mais excitante do dinheiro é o que

ele nos faz: como é que ele nos muda, o que ele nos capacita para fazer, e como ele suscita os nossos desejos mais profundos — alguns bons, outros terríveis. Apesar de eu ser há muitos anos um membro bem pago da tribo dos economistas, concluí que a maioria dos economistas não compreende realmente o dinheiro.

Os economistas tiram ao dinheiro o lado divertido. Sendo uma substância altamente emocional, o dinheiro pode ser transgressor, sedutor, perigoso, transformador da mente. Dinheiro é poder, é dominação, mas pode ser também libertação. O dinheiro compra independência. O dinheiro motiva-nos e liberta energia humana, e o que fazemos com a energia quando a obtemos é connosco. Alguns querem estender as possibilidades do dinheiro ao seu redor, outros querem acumulá-lo para si. Se uma pessoa acreditar que a ganância é uma coisa boa, comportar-se-á em conformidade com o dinheiro. Se acreditar na igualdade e nos direitos humanos, pode usar o dinheiro para realizar esses objetivos. A questão é que nós imaginamos o dinheiro como um ser, e o dinheiro muda à medida que nós mudamos, o dinheiro muda-nos.

Hoje, quer gostemos quer não, o nosso mundo gira todo ele em redor desta estranha noção inventada, que Lenine descreveu como a «grande ilusão». Introduzido há milhares de anos, o dinheiro está no centro da cultura moderna — uma linguagem universal entendida por investidores ricos que vivem em Silicon Valley da *high-tech* e por esforçados condutores de riqueza na velha Deli. Gente que vive a milhares de quilómetros de distância, que não entendem a língua ou os respetivos costumes, compreendem o dinheiro e falam entre si através dele. O dinheiro é a força que determina o fluxo de pessoas, bens e ideias em todo o mundo. Os nossos esforços e talentos são avaliados por ele; o mesmo acontece com o futuro. Como veremos, uma das primeiras características do dinheiro foi pôr o preço de hoje no amanhã. O que é a taxa de juro senão o preço do tempo expresso em dinheiro? Quando iniciamos uma hipoteca de trinta anos, embora não nos detenhamos necessariamente para pensar nisso, estamos a pintar uma imagem do que as nossas circunstâncias podem ser daqui a trinta anos. Na realidade, estamos a imaginar o nosso futuro através do dinheiro.

O dinheiro define a relação entre trabalhador e empregador, comprador e vendedor, comerciante e fabricante. Mas não apenas isso: define também o laço entre os governados e quem governa, o Estado e o cidadão. O dinheiro desbloqueia o prazer, põe um preço no desejo, na arte e na criatividade. Ele motiva-nos a labutar, alcançar, inventar e correr riscos. O dinheiro também faz surgir o lado mais sombrio da humanidade, invocando

a ganância, a inveja, o ódio, a violência e, claro, o colonialismo, que foi tão frequentemente movido pela perspectiva de um vasto ganho financeiro. O dinheiro é complexo porque os humanos também o são.

UMA FERRAMENTA MÁGICA

O dinheiro é uma tecnologia engenhosa que os humanos inventaram para nos ajudar a percorrer um mundo crescentemente complexo e interrelacionado. Imaginar o dinheiro como uma ferramenta ou uma tecnologia não é a forma como habitualmente pensamos nele. Não é que não pensemos sobre o dinheiro; pensamos, e provavelmente mais do que gostaríamos. Precisamos de dinheiro para viver e, devido a esta urgência, raramente nos damos ao luxo de pensar sobre dinheiro de qualquer outra forma. Se não temos suficiente dinheiro líquido, preocupamo-nos sobre como podemos arranjar mais. Se temos montes dele, preocupamo-nos em assegurar-nos de que não o perdemos. A maior parte de nós gostaria de um pouco mais de dinheiro, e se conseguirmos imaginar uma forma fácil de o obter é provável que optemos por ela. O dinheiro compra liberdade: a promessa essencial que o torna tão atraente é que, armados com dinheiro, podemos mudar o nosso mundo ao adquirir mais controlo sobre a nossa vida.

Dado o papel central do dinheiro nas nossas vidas, raramente pensamos nele de um modo mais concetual. Não nos detemos para nos fazermos perguntas relativamente simples, como: «O que é o dinheiro? De onde é que ele vem? Pode esgotar-se? Podemos gerar mais?» Talvez esta ausência de questionação concetual seja a medida do verdadeiro sucesso do dinheiro. Desde que ele flua, fazendo girar o mundo, ficamos felizes por o dinheiro existir, sem entrar nos detalhes de como ele surgiu.

No passado, quando tentava explicar como os nossos antepassados se desenvolveram, focámo-nos com frequência numa fonte de energia ou numa tecnologia *física* que ajudou a progredir — por exemplo, a invenção da roda, a descoberta do carvão ou o advento do arado. Mas, e então as tecnologias *sociais* que ajudaram a organizar-nos na prossecução de objetivos comuns ao valorizar a cooperação? Uma destas ferramentas foi a linguagem, que os humanos desenvolveram ao longo de dezenas de milhares de anos para comunicarem uns com os outros de forma mais sofisticada, precisa e colaborativa. Contudo, foi com o advento da agricultura, há alguns milhares de anos, que a cooperação social de facto se iniciou.

Deixando de conviver apenas com a família e os parentes, os humanos começaram a viver em povoados permanentes muito maiores, lado a lado com estranhos.

Todos nós ouvimos o mantra de que o dinheiro é a raiz de todos os males, porém o dinheiro é também um instrumento de paz. Mais do que matar os seus vizinhos por dinheiro ou pela propriedade, as sociedades agrícolas recentemente sedentárias aprenderam a negociar usando dinheiro. O dinheiro proporcionou uma alternativa à guerra, não uma razão para ela. Quando podemos realizar trocas uns com os outros e com diferentes tribos a preços negociados, porquê darmos-nos ao trabalho de lutar?

O comércio permitiu um elemento de maior coexistência pacífica entre pessoas, mesmo totalmente estranhas, de regiões e culturas diferentes. Não trocamos apenas mercadorias, mas trocamos e adotamos ideias, normas e inovações. Desde o estabelecimento da agricultura, a humanidade foi colocada num rumo de desenvolvimento que acabaria por conduzir às cidades, às nações e aos impérios com estruturas de poder centralizadas e hierarquias sociais. Como caçadores-recoletores, estávamos presos numa batalha com a mãe Natureza, mas quando os humanos começaram a colonizar a terra gerámos excedentes de alimentos que poderiam ser taxados pelo Estado. Criámos a escrita, a geometria, a astronomia, os números, a matemática, a filosofia, a arquitetura e a teoria política — todos os utensílios que associamos a uma coisa a que chamamos civilização. As engrenagens da civilização humana giraram a cada avanço tecnológico, um após o outro: domesticação de animais; o plantio e o cultivo cruzado de diversas plantas; melhores métodos de armazenamento de alimentos; distribuição e transporte de mercadorias por via marítima. O dinheiro foi uma tecnologia fundamental, muitas vezes negligenciada, que sustentou e animou o florescimento humano.

Quanto mais complexas são as nossas sociedades, mais o dinheiro se entranha. As primeiras civilizações que adotaram o dinheiro adquiriram uma vantagem competitiva sobre outras, conduzindo a inovações que mudaram radicalmente a história da humanidade moderna. Veremos que o dinheiro é uma tecnologia disruptiva e que novas formas de dinheiro subvertem continuamente os velhos sistemas, num processo de evolução monetária que desencadeia a evolução económica, social e política num movimento contínuo de retroação.

«PLUTÓFITOS»

Ao longo dos últimos 5000 anos, o dinheiro alterou profundamente a humanidade e as nossas relações uns com os outros e com o resto do planeta. É indubitavelmente a tecnologia definidora do *Homo sapiens*. Evoluímos em simultâneo com o dinheiro: moldámos o dinheiro, mas o dinheiro também nos moldou. Os antropólogos muitas vezes referem-se aos humanos como uma espécie «pirófita», uma espécie moldada pelo fogo.⁴ O fio condutor das observações deste livro é que no decurso dos últimos cinco milénios tornámo-nos — e os puritanos da língua que me perdoem por inventar esta palavra — uma espécie *plutófita*, querendo com isso referir uma espécie que se adaptou e foi adaptada pelo dinheiro. Durante 400.000 anos, a tecnologia que mais influenciou o desenvolvimento humano foi o fogo; a alegação deste livro é que a tecnologia crucial que moldou a humanidade nos últimos 5000 anos foi o dinheiro. *Somos* uma espécie pirófita, mas tornámo-nos gradualmente uma espécie plutófita. Este livro é sobre a relação entre um macaco curioso e uma tecnologia assombrosa.

Ao invés de outras tecnologias, o dinheiro é efémero. Reside na nossa cabeça, representando valor, mas é intrinsecamente sem valor. Para que o dinheiro funcione é necessário um salto de abstração mental. Contraintuitivamente, o dinheiro não é valioso quando é escasso, mas quando é abundante. Neste sentido, o dinheiro parece-se com uma outra tecnologia humana assombrosa: a linguagem. Tanto o dinheiro como a linguagem são fenómenos de massas. Tal como a linguagem, quanto mais as pessoas usam o dinheiro, mais valioso ele se torna. Do mesmo modo que os dialetos se subsumem em línguas mais amplas e úteis, várias formas de dinheiro, originalmente concebidas para comerciar no interior de pequenos grupos, são subsumidas por formas de dinheiro mais amplas, mais úteis e mais adaptáveis, a mais proeminente das quais é o dólar dos Estados Unidos.

A propriedade central do dinheiro — a de representar valor universal, entendido e aceite por todos — é hoje uma das pedras angulares das sociedades organizadas. O dinheiro revelou-se uma das ideias mais sedutoras e duradouras dos últimos cinco milénios. Ao longo do tempo, todas as outras formas de organizar sociedades humanas complexas — sejam sistemas feudais baseados na terra, hierarquias aristocráticas ou nirvanas comunistas — foram em última instância substituídas por sociedades baseadas no dinheiro.

DE CAÇADORES-RECOLETORES A COLETORES DE DADOS

O caro leitor está prestes a embarcar num pagode com um economista que, é justo dizer-se, se tornou um pouco cético sobre a capacidade de a sua própria tribo contar a história do dinheiro. Olharemos para muitas das culturas que desempenharam um papel no desenvolvimento do dinheiro e observaremos como cada uma delas fez inovações com ele. Veremos que a proficiência com o dinheiro coincidiu com outros avanços inovadores, tais como a escrita, a numeração, a lei, a democracia e a filosofia. Esta coevolução suscita a pergunta: o dinheiro foi a razão dos outros desenvolvimentos ou foram estes outros desenvolvimentos que levaram à evolução do dinheiro? O que foi a galinha e o que foi o ovo?

Começaremos em África com a primeira evidência arqueológica do ato de contar, a qual pode ter sido uma contabilidade rudimentar — uma coisa que não tendemos a associar com a Idade da Pedra. Daí avançamos para o dinheiro primitivo nos povoamentos urbanos da Mesopotâmia, cerca de 3500 anos antes da era comum (a.C.). Veremos que a civilização grega, com as suas noções de lógica, democracia e filosofia, foi sustentada pelo comércio e o sistema monetário, e que o grande Império Romano não foi construído apenas sustentado na conquista, mas com base no crédito. O uso do dinheiro declinou na Europa durante a Idade Média, juntamente com outras pedras angulares da civilização clássica. Ter menos dinheiro em circulação entrouvrou o progresso. Mas a reemergência do dinheiro no século XI impeliu a Europa Ocidental para o avanço florentino, introduzindo o Renascimento e mais tarde a Reforma. Observaremos o dinheiro na era revolucionária desde a República Holandesa do século XVI e início do XVII até às revoluções americana e francesa do século XVIII. O lado mais sombrio do dinheiro é revelado pela colonização europeia, quando os juros do dinheiro foram lançados contra a dignidade humana — e, lamentavelmente, o dinheiro venceu. Examinaremos a ligação entre o dinheiro, o pensamento liberal e o progresso intelectual no século XIX, avançando desde as teorias de Darwin até ao modernismo, e depois até aos dias de hoje.

Veremos que todos os avanços na aplicação do dinheiro — tais como a taxa de juro, a introdução da moeda ou o uso de balanços — conduziram a outras inovações, cada desenvolvimento servindo de rampa de lançamento a outro. As histórias em cada capítulo são necessariamente seletivas, centrando-se nas inovações no dinheiro que eu creio ajudarem a explicar a

ligação entre o dinheiro e o progresso humano, um deduzindo-se do outro e cada um deles empurrando para diante a história da civilização. Este é um livro escrito em Dublin por um irlandês branco, quase rosado. Se fosse escrito por outra pessoa, noutro sítio qualquer, as histórias seriam diferentes e igualmente válidas. Espero que ache as histórias que escolhi tão vívidas e interessantes de ler quanto eu achei ao escrevê-las.

Pelo caminho iremos encontrar Kushim, a primeira pessoa cujo nome sobreviveu na forma escrita; Xenofonte, o primeiro economista do mundo; os imperadores Nero e Vespasiano; e o próprio Jesus. Faremos desvios para o interior dos mundos de Dante, Fibonacci, Gutenberg e Pedro, *o Grande*, e passaremos algum tempo com Jonathan Swift, Charles Talleyrand e Alexander Hamilton, antes de visitarmos Charles Darwin, Roger Casement, James Joyce e Judy Garland. Antes de um encontro com a criptomoeda, temos de travar conhecimento com o maior falsário do mundo, de nos juntarmos ao caos dos estúdios da Fox News em Nova Iorque no dia em que o Bear Stearns entrou em colapso, em 2008, e conhecer as pessoas que agora controlam o dinheiro global.

Na mitologia grega, Prometeu foi punido por Zeus por dar o fogo aos humanos, uma tecnologia tão poderosa que Zeus temia que subjugaríamos os deuses com ela. Os gregos reconheciam que o domínio do fogo marcava uma mudança profunda na relação entre os humanos e o resto do planeta. Imaginavam que os humanos eram criados a partir dos quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Estas forças moldavam o seu universo. Há cerca de 5000 anos inventámos uma outra força, um quinto elemento: o dinheiro. Se o fogo era a força prometeica do mundo antigo, o dinheiro é a força prometeica do mundo moderno. O macaco inteligente moldou o mundo, para melhor ou para pior, de uma forma que, creio, teria sido impossível sem o dinheiro.

A história do dinheiro é a própria história da humanidade.

PRIMEIRA PARTE

DINHEIRO ANTIGO

I

O DINHEIRO NO INÍCIO

UM *BLOCKCHAIN* DA IDADE DA PEDRA?

No Real Instituto de Ciências Naturais da Bélgica, em Bruxelas, está o Osso de Ishango, que remonta a cerca de 18.000 anos a.C.. Foi descoberto nas margens do Congo em 1950, mais ou menos um século após os colonos europeus ficarem pela primeira vez entusiasmados com as possibilidades comerciais abertas pelo rio, então largamente desconhecido. Correndo através da África Central, o rio Congo era e continua a ser o sangue vital da região. Há milénios que ele tem funcionado como uma superestrada comercial.

O Osso de Ishango é um fémur de babuíno no qual foi feita uma série de entalhes. Os arqueólogos dividem-se sobre o propósito do artefacto, mas especula-se que cada entalhe indica um valor devido por alguém a outra pessoa e que em conjunto significam uma transação ou um conjunto de créditos e débitos. As reentrâncias no osso podem ter constituído indicadores de que as transações foram pagas e, por conseguinte, canceladas, ou que estavam pendentes.⁵ Se o Osso de Ishango foi realmente um registo comercial, os seus entalhes representam também o primeiro exemplo conhecido de valor, um conceito altamente sofisticado. Atribuir valor é um exercício de pensamento abstrato, até porque o que eu valorizo e o preço que estou disposto a pagar por alguma coisa podem ser completamente diferentes do que outro valoriza e do que estaria disposto a pagar pelo mesmo artigo.

Para ultrapassar isto, poderiam os nossos antepassados africanos ter desenvolvido uma forma rudimentar de comércio para a qual precisavam de contabilidade? Na medida em que a história humana começa em África, não deve surpreender-nos se a história do dinheiro também se iniciar aí. Em plena conjectura, o que nós sabemos de facto é que estes africanos estavam a contar. O Osso de Ishango é uma tecnologia de registo extremamente antiga, e, se estes antepassados estavam a contar para fazer comércio,

provavelmente eram seres humanos que constituíam a moeda-base. A escravatura foi o pecado original do dinheiro.

No relato-padrão da história da nossa espécie, os humanos vaguearam, assentaram e tornaram a vaguear, antes de assentarem cerca de 5000 anos a.C. em pequenas comunidades que viriam a ser organizadas amplamente em volta do dinheiro. Mas a teoria do Osso de Ishango de um comércio antigo sugere que os nossos antepassados africanos podem ter andado a pensar em dinheiro muito antes disso. As pessoas que entalharam o Osso de Ishango eram caçadores-recoletores à beira de um mundo novo. No centro da sua velha sociedade da Idade da Pedra estava a tecnologia que assustou Zeus: o fogo.

A COZINHA DE EVA

Arqueólogos, antropólogos, biólogos e historiadores da antiguidade sublinharam quão dependente do fogo foi a nossa domesticação enquanto espécie. James C. Scott, o antropólogo americano, vai mais longe, chamando-nos uma espécie ajustada ao fogo ou «pirófita».⁶ Os nossos corpos mudaram à medida que nos ajustámos ao fogo, o nosso meio-ambiente foi mudado pelo fogo, e os animais que caçávamos e com que vivíamos foram também alterados pelo fogo. Embora ainda nómadas, a variedade da nossa caça e recolção tornou-se mais restrita à medida que usámos o fogo para assegurar que cada vez mais nutrientes estavam disponíveis com cada vez menor esforço.⁷

Os humanos usam o fogo há mais de 400.000 anos. O fogo permitiu-nos assentar em diversos campos ao longo das estações. Podemos ter uma imagem do caçador-recolector a vaguear sem destino, aleatoriamente, à procura de alimento, com pouco controlo sobre o que o rodeia, inteiramente à mercê dos caprichos da Natureza. É mais razoável pensar nos caçadores-recolectores como possuindo um sistema organizativo — poderíamos chamar-lhe uma economia primitiva. Não uma economia com moedas, impostos e coisas do género, mas no sentido de uma estrutura social, com hierarquias que a tribo compreendesse.

Na economia dos nómadas, a maior parte da terra estava coberta por uma floresta densa, quase impenetrável. Reordenando essa paisagem, poderia tornar a vida quotidiana mais fácil. Esses caçadores-recolectores observaram que incêndios naturais abriam enormes clareiras na floresta, pondo

a descoberto esconderijos e ninhos de animais que eles poderiam comer. Deram-se conta de como, após a queima, a vegetação mudava rapidamente, com ervas de crescimento rápido a substituir a floresta densa.⁸

É difícil sobrestimar o impacto evolutivo do fogo. Fogo significava que poderíamos cozinhar. Alimento é energia, e de forma crescente a variedade de alimentos que podemos comer significa mais energia. Antes do fogo, os humanos tinham subsistido à base de matéria crua, animal e vegetal. O fogo proporcionou-nos uma dieta muito mais fácil de digerir: a cozinha faz por nós uma boa parte da mastigação e da digestão, fornecendo mais calorias com menos esforço. Cozinhar adquiriu também uma dimensão social na medida em que comer em volta do lume ancorou a tribo. Podemos visualizar os nossos antepassados reunidos em volta da fogueira a cozinhar, a mastigar, a tagarelar, a aquecer-se, a namoriscar, a trocar mexericos, a fitar as estrelas, a imaginar o Universo e a contar histórias.

Não é difícil imaginar as pessoas que fizeram as pinturas nas grutas há 17.000 anos em Lascaux, na França de hoje — que representam cavalos, veados e outros animais selvagens da zona —, a conceberem juntas as imagens em torno da fogueira. O fogo era uma tecnologia que permitia a economia do tempo: abria espaço para nos envolvermos em noções abstratas como pintura, autoexpressão, imaginação e arte.

EXPLOSÃO DA POPULAÇÃO

Há cerca de 12.000 a 9000 anos a.C., a agricultura surgiu no Crescente Fértil, na América Central e na China.⁹ Não existe evidência de que estes povos tenham aprendido uns com os outros; cada civilização deve ter descoberto a agricultura em reação a alguma força elementar maior. Essa força maior foi o aquecimento global.

Durante a Idade do Gelo, não só o planeta era muito mais frio, com muito daquilo a que chamamos hoje hemisfério norte coberto por mantos de gelo, como, sobretudo, era muito mais seco. Na Irlanda, associamos muitas vezes o frio à humidade, mas se está frio a sério existe muito menos evaporação, menos nuvens e menos chuva. O nosso mundo na Idade do Gelo era frio e seco, querendo dizer com isso que era difícil as plantas crescerem. Neste tipo de clima, a agricultura não é uma opção: é demasiado arriscado depender de qualquer porção de terra que seja para produzir a energia de que se precisa.

Quando a temperatura subiu e as calotas polares derreteram, conhecemos uma súbita profusão de vida. O mundo ficou mais quente e húmido, e as pessoas começaram a viver em torno de locais onde poderiam produzir alimentos de forma mais intensiva. Isto não aconteceu de um dia para o outro; provavelmente, levou milhares de anos, com os caçadores-recoletores a forragear e caçar ao mesmo tempo que faziam algum trabalho extra na agricultura. A agricultura a tempo parcial foi provavelmente a norma durante milénios, até nos tornarmos melhores nisso. Recordemo-nos: a palavra-chave é energia. Quanta energia conseguimos obter da agricultura, quão intensivamente podemos cultivar esta energia e quão estável conseguimos tornar esta fonte de energia? Pouco a pouco, os cereais tornaram-se numa fonte de energia mais estável.

Os humanos a viver em pequenas aldeias, com caçadores-recoletores ainda a vagar em redor, procuraram culturas com valor nutricional, de cultivo fácil, colheita rápida e facilidade de armazenamento. Os cereais funcionaram. Os cereais cresciam facilmente, proporcionavam elevados rendimentos, eram cultivados rapidamente e poderiam ser colhidos alguns meses depois de semeados. A evolução foi-lhes também favorável: eram autopolinizáveis. Estes atributos dos cereais foram essenciais para persuadir os caçadores nómadas a fixar-se. Dada a crescente fertilidade do planeta, mais quente em geral, a emergência da agricultura e a domesticação dos animais para obtenção fácil de proteínas, seria de se esperar que a população humana tivesse crescido rapidamente. Mas isso não aconteceu.

Os primeiros milhares de anos de fixação foram um holocausto epidemiológico para a humanidade. Quando começámos a trocar a errância pela agricultura, doenças animais como a gripe, o sarampo, a varíola, o tifo e pragas de todos os tipos assolaram os primeiros agricultores. Os patógenos saltaram dos animais recentemente domesticados para os desventurados humanos, cujo sistema imunitário jamais encontrara estes invasores microscópicos. Nos primeiros milhares de anos de domesticação, desde cerca de 10.000 até cerca de 5000 anos a.C., a vaca e o porco constituíram para nós uma ameaça semelhante à que nós representámos para eles.

Demógrafos do mundo antigo colocaram a população humana do planeta em cerca de quatro milhões em 10.000 anos a.C.. Cinco mil anos depois, essa população aumentava apenas para cinco milhões, pois o crescimento abrandou devido a pandemias devastadoras. O sistema imunitário dos nómadas, que o agricultor herdou, não estava preparado. Foram precisas muitas gerações de evolução para construir imunidade.

A cerca de 5000 anos a.C., a evolução estava a fazer o seu papel

— transmitindo códigos de sobrevivência, permitindo ao sistema imunitário identificar invasores e à população tornar-se mais resistente a um número crescente de patogénicos reconhecidos. Por então, a população humana parece ter disparado. No tempo em que Jesus expulsou os prestamistas do templo, a população rondava os 100 milhões de pessoas, um aumento de 20 vezes em apenas 5000 anos.

MECANISMOS DE SOBREVIVÊNCIA

À medida que nos fixávamos, as nossas comunidades tornavam-se maiores e mais complicadas, embora tenhamos conservado alguns traços do nosso caçador-recolector. Um desses traços é o que os antropólogos chamam capacidade social. O antropólogo britânico Robin Dunbar, ao tentar compreender a razão de vários primatas terem cérebros de tamanhos diferentes, perguntou-se se a dimensão do grupo social do primata estava correlacionada com a dimensão do seu cérebro.¹⁰ Acontece que o tamanho do cérebro *está* de facto correlacionado com o tamanho do grupo: o neocórtex, a parte do nosso cérebro que lida com o pensamento e o raciocínio complexos, cresce nos primatas em relação com o número de companheiros primatas com os quais provavelmente vivem. O cérebro evolui para lidar com o número de contactos sociais que vamos ter. Os humanos, que forrageiam durante a maior parte da nossa existência em pequenos bandos de nómadas, têm cérebros que evoluíram para lidar com pequenos grupos. A chegada da agricultura e da domesticidade significou que, de uma forma bastante súbita em termos evolutivos, apenas nuns quantos milhares de anos passámos a viver em comunidades muito maiores. O cérebro humano precisava de ferramentas — ou tecnologias — para dar sentido a esta nova complexidade.

Tendemos a pensar na tecnologia em termos de tecnologia física, como um martelo ou um carro, mas existem também tecnologias sociais. As tecnologias sociais ajudam os humanos a trabalhar com maior eficiência em grupos grandes, e incluem a linguagem, a lei e a religião. Estas ferramentas sociais, que emergiram com a urbanização, evoluíram em simultâneo, organizando a energia humana coletiva em torno de objetivos comuns regidos por conjuntos claros de regras. O dinheiro também é uma tecnologia social, um mecanismo de sobrevivência que os humanos inventaram para lidar com esta mudança abrupta na forma como vivíamos.

Para os caçadores-recolectores, os desafios da alimentação e de abrigo

da Natureza eram os problemas dos pequenos grupos. Os problemas da domesticação eram, por outro lado, os mesmos dos grupos grandes, ou o que poderíamos chamar desafios organizacionais. Saúde, riqueza, distribuição, negociar com estranhos, fazer comércio com forasteiros e lidar com muita gente a viver em conjunto, esses são dilemas difíceis.

Uma vez abastecidos de cereais, estávamos num caminho que começa a parecer familiar para o observador moderno. Não é por acaso que as civilizações humanas tenham ocorrido dentro de latitudes adequadas ao cultivo dos cereais, desde o Crescente Fértil até às planícies centrais chinesas e à Mesoamérica. Enquanto a população do mundo aumentou de cinco milhões para cem milhões nos últimos cinco milênios a.C., aqueles locais onde as populações cresceram mais espetacularmente exigiram tecnologias sociais para enfrentar a situação. Esses são os lugares onde vimos as primeiras evidências de dinheiro, juntamente com os seus companheiros próximos: a escrita e a religião organizada.

O cereal possuía um certo número de características que mudaram profundamente os humanos e a organização humana. Poderia ser cultivado, colhido e depois guardado, gerando assim um excedente de energia que poderia ser distribuída ao longo do tempo. Colhemos o que semeamos. Essencialmente, com um excedente de cereal, a comunidade poderia construir um sistema de valor baseado em torno de uma unidade de medida fácil de compreender — uma certa quantidade de cereal. Uma porção específica de cereal correspondia a alguma outra coisa como um dia de labuta para um trabalhador, estabelecendo uma relação entre o preço do alimento e o custo de tudo o resto.

O dinheiro primitivo baseava-se no cereal; este dava ao dinheiro um valor universal. Na Suméria (no Centro/Sul do atual Iraque), por exemplo, um siclo (*shekel*) era equivalente a um alqueire de cevada.¹¹ O siclo poderia ser contado e trocado facilmente. O celeiro, uma das instituições mais importantes de qualquer cidade antiga, regulava o fornecimento de cereais e, por conseguinte, o provimento de dinheiro, muito como um banco central dos dias de hoje. Quanto mais cereal, melhor a colheita e mais dinheiro era posto em circulação. Ligada a uma base monetária, com um dado valor intrínseco, uma mercadoria como o cereal, os débitos e os créditos, os ativos e as dívidas — os rudimentos de um balanço — poderiam ser facilmente avaliados. As economias do cereal criavam excedentes que poderiam depois ser taxados pelo Estado, desviando uma parte para os governantes e os seus burocratas. Quanto maior o excedente de cereal, mais produtiva a agricultura e mais complexa a sociedade. Uma comunidade que consegue mais do

que subsistir com a sua produção agrícola torna-se mais sofisticada. Pode sustentar sacerdotes, soldados, comerciantes, mercadores e escribas, bem como a aristocracia, a família real e vários outros parasitas.

O dinheiro baseado nos cereais impulsionou o género humano de um mundo determinado pela tecnologia natural do fogo para um mundo impulsionado por uma tecnologia humana, o dinheiro. O testemunho prometeico estava a ser passado. Isso não aconteceria de um dia para o outro, mas a direção da viagem estava traçada.